

RESENHA: A SEXUALIDADE FEMININA CONTEXTUALIZADA NO O FILME
“THE WITCH”

João Paulo Zerbinati, Maria Alves de Toledo Bruns

RESUMO

“The Witch” é uma produção cinematográfica de estilo suspense e terror. Lançada no Brasil em 2016, dirigida e roteirizada por Robert Eggers, traz uma história que se passa na Inglaterra no ano de 1630 e tem como trama principal o jogo da perversidade entre o poder demoníaco e a figura da bruxa. Mesmo tendo como enfoque comercial a produção de terror pode ser analisado enquanto correspondente histórico e psicossocial, trazendo uma válida discussão sobre a sexualidade feminina. As Bruxas na idade média foram expulsas do paraíso pelo cristianismo arcaico por destoarem dos conceitos patriarcais que predeterminavam os comportamentos humanos da época. Hoje, mesmo em tempos de pós-modernidade, a vivência da sexualidade ainda apresenta ranços do puritanismo em nível social, causando angústia ao desenvolvimento psicosexual, oportunizando para a discussão da sexualidade e sua relação entre o desenvolvimento saudável e psicopatológico.

Palavras-Chave: Sexualidade feminina, Cinema, Psicopatologia.

“The Witch” ou “A Bruxa” na versão em português é uma produção cinematográfica de estilo suspense e terror. Lançada no Brasil em 2016, dirigida e roteirizada por Robert Eggers, traz uma história que se passa na Inglaterra no ano de 1630 e tem como trama principal o jogo da perversidade entre o poder demoníaco e a figura da bruxa.

O filme narra a história de uma família ao ser expulsa de sua comunidade por expressar uma profissão de fé ameaçadora, trazendo dificuldade para o convívio em sociedade. A trama se inicia neste momento quando são obrigados a viver em um local isolado. A nova morada é próxima de uma floresta controlada por bruxas, o que rapidamente provoca reações e mudanças na rotina dessa família, até então regida unicamente pela crença cristã.

O filme tem como enfoque a produção de terror, entretanto pode ser analisado enquanto correspondente histórico, trazendo uma válida discussão sobre a sexualidade feminina. As bruxas, enquanto simbolismo popular corresponde à alegoria do mau,

perverso, feio, com poderes provindo de pacto com o maligno. Entretanto enquanto significante histórico, assim como compreende Zordan (2005), são adventistas da Idade Média em um momento em que representavam mulheres com disposição a ofícios diferentes do doméstico, que obtinham certo conhecimento de plantas medicinais, ocupando a posição social de curandeiras e desfrutando da sexualidade, algo destoante enquanto comportamento adequado para a época.

O filme “A Bruxa” apresenta e faz relação em vários momentos a tais características, principalmente ao erótico, uma referência que não está presente por acaso. Essas mulheres utilizavam o conhecimento popular detido para uma maior obtenção do prazer sexual. Um exemplo clássico é a origem da vassoura como acessório, entretanto não para os afazeres domésticos. As bruxas elaboravam trouxinhas com plantas alucinógenas que ao contato vaginal traziam a sensação de leveza e prazer, assim como relata Alves (2014). As vassourinhas ou trouxinhas traziam asas e provocavam voos, viagens alucinógenas. Aspecto abordado no filme em suas últimas cenas, no momento do encontro do clã de bruxas, irmãs agrupadas por uma história certamente de semelhança estrutural.

Tais comportamentos distinguem das representações postuladas para a feminilidade e por não se enquadrar aos convencionalismos patriarcais, as bruxas foram excluídas do convívio e levadas ao patamar de ameaça e símbolo satânico.

A aquisição de tal correspondência nasce, segundo Costa (1998), deste momento em que a sexualidade humana era fortemente reprimida por obter relação direta com o pecado cometido através de Eva, talvez a primeira bruxa na história da humanidade. Era necessário o controle dos impulsos sexuais libidinosos, caso contrário, a humanidade teria responsabilidade pela degradação da vontade de Deus, sendo impiedosamente castigada. No contexto do cristianismo primitivo, a sexualidade, assim como todo desencadeante sexual era imediatamente relacionada ao mal e ao pecado, assim como discute Foucault (1984; 1988). E tal como pontua Neto (2006), contra a sexualidade ergueu-se a cruz.

O filme, de um modo geral é muito rico em representações simbólicas. Neste cenário, de uma família apartada das relações sociais e atormentada pelas questões de sua própria humanidade como desejos e medos, estava praticamente fadada ao fracasso de um processo estrutural subjetivo saudável. Como relaciona Cardini (1996), quando não há esperança de libertação dos impulsos, é quando a bruxaria triunfa como um bode expiatório dos maus pensamentos de toda uma sociedade.

Para tanto, um dos fatores principais para o desfecho da trama é a sexualidade que emanava da jovem irmã mais velha. Algo que perturbava sexualmente não só o irmão, mas era principalmente ameaçador à mãe. Em uma relação familiar desorganizada, os desejos inconscientes e edípicos comuns ao desenvolvimento psicosssexual, tais como postulados por Freud (1996; 2010), não obtinham espaço para uma resolução saudável, mas enveredaram a um enredo em que uma só mulher sairia vencedora ao desfrute da vida.

O filme cresce pontuando elementos de uma permanente impropriedade libidinosa, impossibilitada ao desenvolvimento saudável, incitante de paixão e loucura; denotando uma sexualidade perversa. Neste contexto, vivenciar a psicosssexualidade era de tamanho crime que só poderia ser assumida após o rompimento total com o divino, com a família e com os costumes. Um caminho em que a sanidade não era uma possibilidade: um caminho para bruxas.

Tal discussão sobre a sexualidade é especialmente válida por se apresentar como recente no contexto histórico atual, pós-moderno, em um momento em que o puritanismo arcaico parece crescer na ocupação de espaços sociais de modo significativo. A caça as bruxas, se for analisada pelo prisma da sexualidade humana, não mais acontece nas fogueiras, mas muitas vezes é institucionalizada socialmente e continua intimando um comportamento a partir de um correspondente patriarcado-arcaico-histórico, contextualizado nas relações de gênero, dificultando a vivência da sexualidade de um modo geral, o acolhimento de sua diversidade e humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo*. 2^a ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2014.

CARDINI, Franco. “Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento”, *Psicologia USP*, n. 1-2, v.7,1996, p.9-16.

COSTA, Jurandir Freire. “Sexo e Amor em Santo Agostinho”. In LOYOLA, Maria Andréa (org.) *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. *Um caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos* (1901- 1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. “Sobre a sexualidade feminina (1931)”. In FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930- 1936)*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

NETO, João Ângelo Oliva. *Falo no Jardim: Priapéia grega, Priapéia latina*. Campinas, SP: Ateliê, UNICAMP, 2006.

ZORDAM, Paola Basso Menna Barreto Gomes. “Bruxas: figuras de poder”, *Revista Estudos Feministas*, n.2, v.13, 2005, p. 331-341.